



Director literario:

Arquibaldo Ramboia
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

Eduardo Collaço
PAPUSSE

A Familia Pais Ramboia



*A familia Pais Ramboia
Papá, mamã e menina...
—(A mamã é uma boia,
Mas se lho chamam afina)—*



*Uma bela passeata
Na praia decidem dar;
Ei-los entrando na chata,
E dando voltas no mar.*



*O papá todo-se inclina,
Para ver um taninha...
Chamando pela menina
Debruça-se a mamásinha.*



*E o peso foi tanto, tanto,
Que a chata deu em tombar;
E, entre gritinhos de espanto,
Cairam todos no mar.*



*A menina e o papá
Soltam urros de terrôr!
Eis quâsi se afogam lá...
Mas a mamã com amor,*



*Amor de mãe e de esnosa,
Salva a familia Ramboia.
—E assim para alguma cousa,
Serviu chamarem-lhe boia.*

HISTÓRIA DE TRÊS LARANJAS E DUMA LARANJEIRA BESUNTADA DE PEZ

POR DURVAL PIRES DE LIMA
DESENHOS DE EDUARDO MALTA

ERA uma vez uma velha-relha, muito velha, muito velha, mais velha que a torre da Sé. Esta velha era mulher dum velho que de tantas mentiras que em pequeno dissera, já não tinha nem um dente, mas, apesar disso, andava sempre a besbelhutar o que se dizia pela visinhança para o ir contar e dizer mal.

A velha e o velho, que se chamavam Joaquina e Joaquim, tinham uma casa com um quintalório onde guardavam as crianças dos pobres emigrantes que iam para muito longe.

Quanto o tio Joaquim era intrujão, quanto a mulher era má. Andava todo o santo dia em cima das pobres crianças, dava-lhes pancada e por dez réis de mel coado, obrigava, ora umas, ora outras, a ficarem à janela com umas orelhas de burro, muito grandes, para que toda a gente que passasse fizesse troça delas.

A senhora Joaquina tinha no quintal uma árvore muito boa e muito bonita, carregadinha de laranjas, que eram tam doces como um torrão de açúcar. Mas, como era muito somítica, apanhava muito poucas, das mais maduras, e guardava-as, porque todas tinham seu destino.

O tio Joaquim tinha um primo padre, muito gordo e muito engraçado, que todos os domingos vinha a casa dos dois velhos passar o seu bocadinho e comer, a meias, o jantar dos primos, e, como ele gostava muito de fruta, era para o senhor cura que a Joaquina guardava as melhores laranjas.

Mas uma vez quando foi à arca, depois de remexer muito na roupa, nem ao menos achou uma das três laranjas que lá tinha posto. Quem seria, quem não seria, e ela, coitada, que também era scismática, pôs-se a pensar naquilo todo o dia — umas laranjas tam bonitas, que valiam bem o seu peso em ouro.

Só se fôra o seu Joaquim, mas isso não, com certeza, que nunca desde que o conhecia, se regalara com uma guloseima.

Só se fôra o primo cura, mas, coitado, não saíra toda a tarde da cozinha, andando de um lado para o outro, a arranjar um belo pato com arroz.

Só se fôra... só se fôra... e, de repente, a senhora Joaquina adivinhou logo que, quem lhe fizera aquela partida — roubar umas laranjas tam boas, tam grandes, e que deviam saber tam bem, devia ter sido ou a Maricotas do Zé

do Telhado ou a Aninhas da Maria do O', ou a Olinda do António da Serra, ou a lambisgota da Floripes, ou esta ou aquela, ou fulana, ou cicrana, alguma delas fora, com certeza, e muito zangada foi a correr ao jardim.

Lá estavam, todas aos pulos, a dançar muito alegres da sua vida. Mas, mal a viram, esmoreceram e ficaram tão geladinhas que metiam pena a outra qualquer que não fosse a tia Joaquina.

Esta, quando as viu, começou logo a gritar, que tinham sido elas que tinham comido as laranjas que eram para o senhor cura; que haviam de as pôr para ali, que iam já apanhar para não serem mexelhonas, e como todas, muito chorosas, começassem a chorar: — Não fui eu, não fui eu... — vai a velha à cozinha, chama o padre e o marido e diz-lhes: — Vocemecê, senhor primo, desculpe, mas eu quero pedir-lhe um conselho. As suas laranjas comeram-nas as minhas pequenas; que é que eu lhes hei de fazer agora?

O padre ficou muito tempo a chuchar no dedo e por fim disse:

— Ah, sim, aqui tem a prima uma bela ocasião de se fazer obedecida. Vai besuntar a laranjeira com pez, e verá depois quem lá vai; e aquela que se apanhar eu a ensinarei.

Ficou assim combinado. Naquele dia não se comeram laranjas e a senhora Joaquina, muito às escondidas, pintou toda a árvore com pez que, vista assim de longe, parecia mesmo a casca muito rugosa e cheia de nós.

Passou-se uma semana, e no outro domingo apareceu o padre muito contente da sua vida, pois uma senhora



da vila ensinara-lhe uma receita muito boa para guisar mãos de porco com feijão branco e que, pelos modos, havia de ser uma cousa de se lhe tirar o chapéu. A senhora Joaquina arregalou os olhos e o próprio Joaquim não se conteve que não dissesse:



— Olhe rico primo, vocemecê há-de cá vir, um dia fazer uma pratada delas.

Mas como estava a chegar a hora do jantar, a Joaquina lembrou-se da fruta e pediu licença para a ir buscar.

— Então, desta vez, nenhuma se atraveu? perguntou o cura.

— Ai santa lição, primo, santa lição!

E a ti Joaquina foi à alcova; remexeu na arca, tornou a remexer, mas como se lembrasse que ficara combinado deixar as laranjas na laranjeira, para apanhar a culpada, calçou os tamancos e, pé aqui, pé acolá, porque chovera muito na véspera, foi-se à laranjeira, encostou-lhe uma escadinha e subiu. Mas mal se agarrou, prendeu-se de tal

modo que já não ponde soltar as mãos; começou, então, a gritar por quem lhe acudisse, que estava presa na laranjeira.

O marido, mal a ouviu gritar, veio a correr, mas foi tão desastrado que ficou como a mulher e ambos num grande berreiro, que os salvasse o primo padre.

O cura que provara, pela décima vez, a cabidela de galinha, para ver se estava bem apurada, veio lá de dentro muito apressado e, sem reparar no pez, só viu a mulher do seu primo, a dar ais e a dizer que morria e o seu primo agarrado à árvore a esperniar, muito aflita da sua vida.

Apesar de gordo, o cura abraçou-se à laranjeira, como se quizesse subir por ela, mas ficou como os outros sem se poder soltar, e todos três faziam tanta gritaria, que parecia que se acabava o mundo.

Vieram, então, as pequenitas todas que tinham estado a espreitar, e, como os vissem bem presos a todos, deram as mãos umas às outras e dançaram, dançaram até ao pôr do sol. O padre cá em baixo, que era o mais forte dos três, dava tantos puxões à árvore, que parecia que vinha tudo a terra.

Como ao bater da meia noite ainda eles lá estavam, os lobishomens ouviram-nos gritar; vieram, pé ante pé, e



nunca mais se soube da laranjeira das laranjas da velha do velho e do padre cura, que era primo da Joaquina e do Joaquim.

F I M

BIBLIOTECA PIM-PAM-PUM

VOLUMES PUBLICADOS

CADA VOLUME

4

escudos

para os assinantes

d'O SÉCULO

I
BARRACA DE FANTOCHES

II
CÓ-CÓ-RÓ-CÓ

III
PÁ-TÁ-PÁ

CADA VOLUME

5

escudos

para os não assinantes

d'O SÉCULO

A MELHOR E MAIS BARATA COLEÇÃO DE LIVROS PARA AS CRIANÇAS

Pedidos à administração d'O SÉCULO — Rua do Século, 59 — LISBOA



NEM UMA NEM DUAS

Por DURVAL PIRES DE LIMA

Desenhos de EDUARDO MALTA

LA para as bandas da Beira que é uma terra muito cheia de montes e muito fria no inverno, havia uma vez duas comadres que podiam muito bem parecer duas irmãs gêmeas, tanto se pareciam nos gênios, nas birras e no feitiço.

Era a senhora Zefa dois dias mais nova que a senhora Estrudinhas e a senhora Estrudes dois dias mais velha que a senhora Zefinha. Eram tam engelhadas que todos de bom grado lhes davam os seus oitenta anos bem puxados, apesar de não ser assim, segundo elas, coitadinhas, diziam.

O povo do lugar que embirrava muito com as duas, achava-lhes muitas parecenças com os bodes, o que também, talvez não fosse muito verdade, segundo elas, coitadinhas, diziam. O que é certo, porém, é que quem as visse bezzia-se e fugia a quatro pés como o Diabo da Cruz.

As duas comadres, uma das quais era casada com o senhor António, e por isso se chamava a Zeta do António, tinha uma paixão pelas perdizes e por isso, como elas as não podiam apanhar, sentavam-se, às vezes, à soleira da porta, cada uma do seu lado da Rua Direita, que por si-



nal era mais torta e enroscada que uma casca de caracol, e começavam uma de cá, e outra de lá:

— Ai menina Estrudes, eu uma vez comi umas perdizes assadas *quinté* Nosso Senhor daria um quarto da lua para as provar.

— Não digo que não comadre Zefa, não digo que não, mas eu quando andei a recados em casa da D. Aninhas, olhe que as comi com um arroz...

— Talvez, talvez, mas é que vomecê não trincou

(Continuação do conto NEM UMA NEM DUAS)

A Estrudes, porém, disse à outra que se não ralasse e foi ter com o marido da comadre.

Oh! sôr António, sabe o que faz falta? É um pouquinho do verde, para as ajudar a comer. Porque não vai vomecê, ali à tenda, buscar meio quartilho dêle. Nós não o bebemos, nem o senhor Manel que só prova aguardente de bagaço, e para si chega.

E as duas mal o viram pelas costas, muito às escondidas, começaram, pouco a pouco, a provar das perdizes e atrás do gosto em menos de cinco minutos só deixaram os ossos e mais outras miudezas que desprezaram para não desfazerem o gosto do acepipe.

O pior era que, no fim de tudo, elas não sabiam como acabar a história. Então a Zefa foi a correr à porta e, chegando-se ao Manel, mostrou-lhe o marido que vinha ao cimo da rua.

— Oh! visinho olhe que vem aí o meu homem com uma faca na mão, a dizer que lhe há-de cortar as orelhas; fuja, fuja depressa, senão temos uma grande desgraça.

O compadre muito atlito tratou logo de fugir, não sem dizer com os seus botões: é bôa, faz a gente de rapaz, anda a monte e ainda por cima uma destas...

O marido, mal chegou, perguntou por êle, e diz-lhe então a mulher:

— Ai o grande maroto, pois não o encontraste? Imagina que pegou nas duas perdizes e abalou com elas; corre depressa a ver se ainda o agarras.

O homem assim fez e não parava de gritar: — dá-me ao menos uma, ao menos uma; ao que o outro, sempre a correr, respondia: — nem uma nem duas; e tapava as orelhas com ambas as mãos.

F I M

COLABORAÇÃO INFANTIL

ALICINHA

Por HEITOR DA SILVA CARNEIRO

— 12 anos de idade —

Não conhecem a Alicinha,
Pequenina, bonitinha,
Com cabelos à ninon,
Que nunca sabe a lição
E só quer' jogar a bola?!
Pois é mesmo essa menina
A nossa grande heroína.
Outro dia, lá na escola,
Como sempre cabriola,
Começa a jogar a bola
E deu uma carambola
No nariz da Dona Brites
Que, com susto, aos tremeliques
Sómente diz: — ora esta! —
E agarrada à escrevaninha
Deixa cair a varinha
Que vai, mesmo direitinha,
Cair sobre a Joanhina,
E faz-lhe um galo na testa,
Esta começa a chorar,
As meninas a gritar,
O gato foge a miar
E a professora a ralhar,
Que era um nunca acabar,
Nisto levanta-se e diz,

Inda co'a mão no nariz:
— «Venha cá, menina Alice...»
Eu já lhe disse e redisse
Que não quero cá na escola
Que a menina jogue a bola!
Mas visto que se esqueceu
Eu vou abrir-lhe a memória...»
E pega na palmatória
E tantas, tantas lhe deu
Naquele sítio estofado,
Que até tocou a rachado...
E no fim de tal contenda,
Com tamanha reprimenda,
Murmurava a nossa Alice
A chorar e a gemer:
«Mas que coisa .. Joanhina,
Tenho o meu tu'tu a arder...»
Mas não mais levou a bola
Para a escola.

ANEDOTAS

O Professor: — Parece impossível! Eu quando tinha a tua idade já sabia ler correcamente e fazia as quatro operações.

O Discipulo: — É' que naturalmente o senhor professor tinha melhor mestre do que eu.

A ama, com a criança no colo, regressa a casa, num grande contentamento.

— Que aconteceu? — perguntam, ansiosamente, os pais do bébé.

— O menino já falou!

— Como toi isso?!

— Estava no Jardim Zoológico, diante da gaiola dos macacos, quando, de repente, o menino apontando para um, disse: — papá!

HORA DO RECREIO

O ovo dentro da garrafa

Pegue-se numa garrafa qualquer, cujo gargalo seja largo, lizo e redondo, e deite-se-lhe dentro um bocado de papel ou algodão em rama embebido em alcohol a que se lança fogo.

O ar interior dilata-se consideravelmente pelo aquecimento e escapa-se pelo gargalo. Quando a chama está quasi a apagar-se, cobre-se a abertura da garrafa com um ovo cozido sem casca. Porque o ar esta rarefeito destrõe-se o equilibrio e a atmosfera exerce sobre o ovo o seu efeito. Vêmo-lo assim alongar-se sob a sua pressão até transpôr o estrangulamento do gargalo e penetrar na garrafa com uma pequena detonação.

Pod-se variar esta experiência, empregando em vez de um ovo cozido, qualquer fruto, uma banana, por exemplo, que se descascará sósinha ao penetrar na garrafa e fará a mais clara demonstração de que o ar é pesado, pois que é a sua pressão que obriga o ovo ou o fruto a atravessar o estreito gargalo da garrafa.



ficá-lo por meio de vários processos sendo os seguintes os principais:

Interponha-se entre o observador e a chama de uma vela um bilhete de visita, e sobre-se enérgicamente na direcção da chama. E' verdade que não a conseguireis apagar porque o bilhete impede que o ar a atinja; mas apresentar-se-há um facto curioso: em vez de ser repudiada a chama da vela inclinar-se-há, pelo contrario, na vossa direcção, como se uma pessoa colocada na vossa frente lhe tivesse soprado.

Tratem os meninos, agora, de apagar a vela soprando pelo bico de um funil, pelo contrario, na vossa direcção, como se uma pessoa colocada na vossa frente lhe tivesse soprado. Nada conseguindo porque dirigem o centro da abertura do funil para a chama.

Para obter o resultado que se deseja, é preciso, pelo contrario, abaixar o utensilio até que o bordo do circulo se encontre defronte da luz, porque as correntes do ar se dividem á saída do tubo para se escaparem pela circunferência do cone do funil.

Conhecendo esta marcha do vento conseguireis a cada tentativa apagar a vela, ao passo que os vossos amigos, ignorando o processo, só conseguirão fazer vacilar ligeiramente a vela.



Soprar uma vela

Sendo o ar á primeira vista um fluido elástico, os seus movimentos são dos mais curiosos a estudar. Podemos veri-

ADIVINHAS

1

Qual a coisa que, sem sorte,
Nasce logo amortalhada,
E ao ser condenada à morte,
Se transforma em cinza e nada?

11

Qual a coisa bem precisa
Para pôr flores e papéis,
Não é quarta nem é quinta,
Mas escrita é quasi um seis?!

Decifração dos números anteriores

- 1 — Olhos
- 2 — Movei
- 1 — Escuridão
- 2 — Peão

Campo das Cebolas—Arco do Cego—
Rua da Era—Rua dos Remedios—Rua
das Pretas—Rua do Salitre—Rua do
Rato—Travessa do Fala-só—Rua do
Alecrim—Rua das Gaiotas—Jardim do
Tabaco—Rua da Mãe d'Agua—Rua da
Alegría—Rua do Limoeiro—Rua da Paz.

Este meni-
no veiu do
Liceu agora
mesmo, e
pôs-se a pen-
sar nos seus
professores,
que são 10.

Vejam os
meninos se
os desco-
brem.





CHARLOT-BÉBÉ

Por AUGUSTO DE SANTA-RITA

Desenho de EDUARDO MALTA

O Charlot é um néné
De buçozinho e bengala!...
Um bébé...
Um bébé que inda não fala;
Não o tomem
Por um homem,
Que não é!

Um bébé que inda não fala
E gesticula sómente,

Mas que faz rir toda a gente,
Numa sala,

E' um bébé o Charlot;
Pequenino,
Que menino,
Por capricho do Destino,
Eternamente ficou!

Nasceu para fazer rir
E divertir

Os meninos;
Não tem idade
O Charlot,
Que o tempo nêle parou;
Tem em si a Eternidade!

.....
Meninos, acreditai:
—Não é um homem, não é!
O Charlot é um bébé
Que pôs as calças do pai!